

Entrevista

Oscar Niemeyer

“Casa operária ou casa popular são nomes que indicam a discriminação capitalista”.

“Passada a primeira fase, funcionalista, os arquitetos buscam novas formas, uma arquitetura mais criativa, feita de curvas e retas, como o concreto sugere”.

“Cada um defende a arquitetura que prefere e alguns a única — mais simples — que podem fazer”.

“A discriminação e a injustiça social não permitiram ao urbanismo e à arquitetura o sentido humano desejado”.

Perguntas formuladas pelo Conselho de Arquitetura de MÓDULO.

Como você entende o problema da posse da terra?

— É um problema básico na evolução da sociedade e dos mais importantes com relação à arquitetura e ao urbanismo. Para a burguesia, a posse da terra representa o privilégio inicial, surgido em tempos remotos. Uma invasão como outra qualquer. Mas a terra a todos deveria pertencer, como as águas do mar e dos rios, como o ar que respiramos. Porém, a discriminação foi implacável, os donos da terra a transformaram em lucro e exploração, e ficaram ricos demais. Os outros, os mais pobres, subiram então para os morros ou para as praias de lama e lá construíram seus barracos. Precisam viver próximos ao trabalho e, o que é pior, perto de seus velhos exploradores. Mas as favelas lhes pertencem. Foram eles que as construíram e delas não vão abrir mão. Quando vier a doação prometida pelo governo, seus barracos serão substituídos por casas de alvenaria e, mais tranquilos, eles aguardarão o tempo passar.

A casa operária não seria uma alternativa importante para as populações de baixa renda?

— Não vou falar em casa operária nem casa popular. São nomes que indicam a discriminação capitalista. Representam objetivos demagógicos e paternalistas, não atendendo à escala da miséria. Visam, isto sim, protelar a revolta existente, afastar o favelado das zonas mais valorizadas, interná-lo nesses guetos horríveis denominados conjuntos proletários ou, então, sob pretexto de segurança e ecologia, entregar as áreas faveladas ao lucro imobiliário.

A arquitetura internacional é fria e não leva em conta as características locais. Além de tudo, suas formas se repetem rotineiramente, por todos os quadrantes do mundo. O que você acha dessa acusação?

— A arquitetura internacional surgiu com os novos meios de comunicação, com o uso das mesmas técnicas e dos mesmos materiais, com a idéia de que ela representaria em todo o mundo a época maquinicista. Para isso influenciou também sua forma repetitiva fácil de se disseminar, dos Estados Unidos ao Japão. Constituíra um novo estilo, imposto, como todos os outros, pela transformação da técnica construtiva: estruturas de ferro e concreto, pré-fabricado, materiais mais leves, industrializados, etc.. Agora, passada essa primeira fase — racionalista, ou funcionalista, como prefiro — a arquitetura internacional começa a se modificar e, em todos os países, os arquitetos buscam novas formas, uma arquitetura mais criativa, feita de curvas e retas, como o concreto sugere. E essa evolução, que ocorre dentro de um único período, já se verificou em estilos anteriores, mais imperceptível, sem dúvida, pois os meios de construção eram limitados, poucas possibilidades abrindo à imaginação do arquiteto, o que explica também os longos períodos de espera, aguardando que a técnica desse um novo salto, criando novos sistemas e um novo estilo

arquitetônico. Mesmo assim, os grandes arquitetos sempre se ocuparam em fugir à rotina. Se examinarmos as obras de Palladio, Brunelleschi, e outros mestres italianos, veremos que não são diferentes, cada um procurando um estilo próprio e inconfundível. E foram eles que quebraram a repetição existente que não constituía uma característica da arte e menos ainda um objetivo perfeccionista, mas apenas as limitações que o progresso técnico impunha.

Em diversos artigos e entrevistas você critica a atuação de Bauhaus. Por que?

— Houve uma época em que se pensava em criar protótipos. Um tipo de prédio para cada função arquitetural e, da elaboração desses prédios-tipo, o Bauhaus tendia se ocupar. Seria o mesmo caminho da repetição e monotonia com que interferiu nas artes plásticas e no desenho industrial. Felizmente, tudo isso passou. A idéia de repetição arquitetural encontrou sempre, entre os arquitetos, a natural repulsa. W. Morris, muitos anos antes, dizia: "En matière de construction, pas de prototypes, de standards, chaque bâtiment doit être différent des autres..." E Fournier completava, criticando a monotonia das cidades civilizadas: "... que l'on sait par cœur quand on va deux ou trois rues."

Atualmente, diversos profissionais procuram defender a arquitetura mais simples, "sem a apoteose do concreto". Este informe chegou a ser publicado na grande imprensa. Como você entende essa proposta?

— Cada um defende a arquitetura que prefere e alguns a mais simples — que podem fazer. A arquitetura apresenta muitas nuances: livre, inovadora, criando surpresa, agrada na técnica, atualizando programas, etc.. Ou, quando se trata de obra econômica, simples, repetida, fabricada, barata e rápida de construir. No primeiro caso, o problema da economia é secundário e o arquiteto procura, em êxtase, o espetáculo arquitetural. Quer realizar qualquer coisa importante, capaz de assumir a alta superior de obra de arte. No segundo, é o problema econômico que o atrai e, dentro dele, procura, como no primeiro caso, por mais modesta que seja, a solução inovadora que a verdadeira arquitetura exige. Confundir coisas tão diferentes, projetar uma obra econômica com o intuito de elaboração, ou vice-versa, é um disparate e somente pessoas levianas poderiam imaginar.

Os grandes planos urbanísticos por todo o mundo sempre falharam em suas tentativas de promover uma cidade homem/espaco mais justa. Por que?

— O urbanismo vem perseguindo há muitos anos os mesmos princípios. Em 1900, Tony Garnier reclamava a apropriação da terra como medida inicial; Proudhon denunciava que Paris seria transformada num grande jardim; Le Corbusier, que a cidade se integraria no campo. Nada disso aconteceu e os discursos ficaram sempre na superfície dos problemas e mesmo quando o CIAM instituiu a carta de

Atenas — habitar, trabalhar, circular, recrear o corpo e o espírito — os problemas da terra e da injustiça social não mereceram, como se impunha, um programa de contestação permanente. E os planos de urbanismo continuaram a se adaptar à desordem geral, criando áreas separadas para pobres e ricos, como se a miséria fosse um mal inevitável. Até a circulação, que tudo devia comandar, continuou a contornar os latifúndios ou a valorizá-los habilmente. As grandes áreas livres, sonho preferido dos urbanistas de todos os tempos, e a idéia de construir em altura, multiplicando o espaço horizontal em parques e jardins, nem sempre foram levados em conta. É o velho "phalanstère" de Fournier, com uma rua central e serviços comuns que Le Corbusier propunha construir em quilômetros e não em metros foi transformado pelo poder imobiliário numa série de prédios menores, próximos demais, sem vegetação nem jardins, como se o princípio básico de integrar o homem na natureza fosse promessa enganadora impossível de realizar. Mas a experiência sempre retifica muita coisa e as ruas, por exemplo, consideradas dispensáveis como anti-higiênicas e perturbadoras do tráfego, voltam aos planos de urbanismo e por todo o mundo as velhas ruas de pedestres, tranquilas, sem veículos, começam a se disseminar. A densidade excessiva que a partir da revolução industrial invadiu os grandes centros (Londres 1.800.000 em 1801 e 4.000.000 em 1890) alarma os mais otimistas. E as cidades de porte médio — não expansíveis — surgem como a solução adequada. Mas, de todo esse longo período de experiências, fraquezas e entusiasmos, nada resultará se a sociedade continuar a mesma, presa às discriminações e injustiças que até hoje não permitiram ao urbanismo e à arquitetura o sentido humano desejado.

Qual a sua opção para a arquitetura e o urbanismo do amanhã?

— Respeito todas as opções urbanísticas e todas as correntes arquitetônicas quando elaborados com amor e idealismo. Não sou tolo para me considerar dono da verdade e, sobretudo, opinar com frases definitivas. Acredito, como o meu amigo Mário Schemberg, que o mais importante é a intuição, e como Gide, que sem imaginação nada é possível realizar. Mas se vocês perguntam qual a minha opção preferida, direi que me inclino pela cidade menor, não extensível mas multiplicável, com a circulação na periferia servindo a todos os seus setores. A cidade vertical reduzindo distâncias, dirigida ao homem que a pode percorrer a pé de ponta à ponta. E o centro mais dinâmico, com suas ruas de pedestres, etc.. Dentro de um esquema linear, ela se multiplica, seguida das áreas dedicadas à cultura, ensino, pesquisa, indústria e agricultura. Seria uma cidade voltada para o homem, presidida pela arquitetura e a beleza, integrada na vegetação. ●